

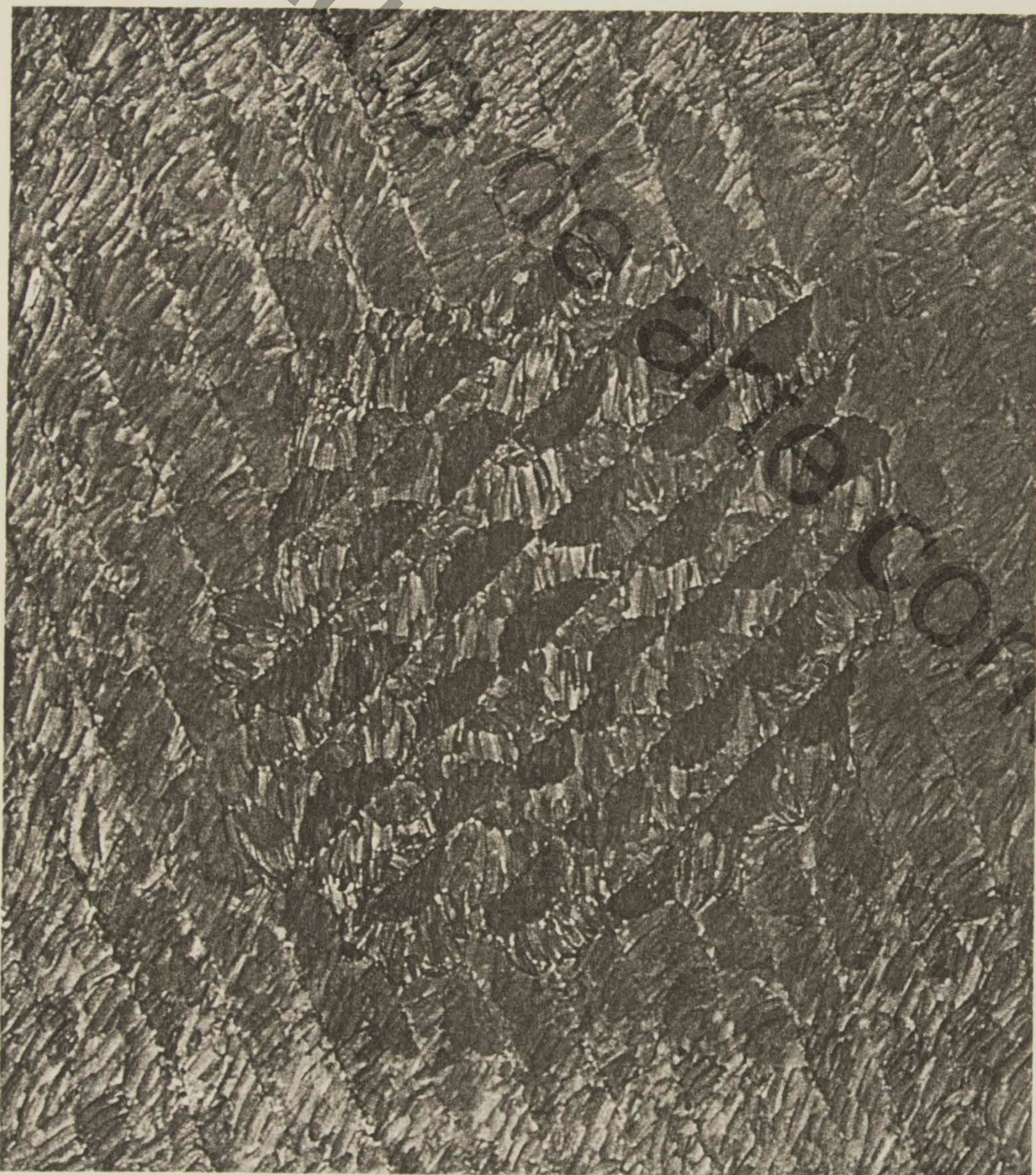
Jelme, 22, 1990



HERMELINDO FIAMINGHI

GALERIA MONTESANTI ROESLER
SÃO PAULO/SP

Hermelindo Fiaminghi não está deixando o concretismo, como ele mesmo faz questão de dizer, mas sua pintura atual, em exposição na galeria Montessanti-Roesler, revela



seu distanciamento cada vez maior de uma arte racional, objetiva e matemática. Agora, suas pinceladas estão controladas apenas pela emoção e sensibilidade. De um colorido intenso que reforça ainda mais o binômio cor-luz, que há algum tempo baliza seu trabalho, sua produção atual está ainda mais translúcida. Preocupado com a pintura/pintura, antes de qualquer

formalismo, Fiaminghi ainda traz resquícios do tempo em que sua arte obedecia uma rigidez absoluta da forma. Desse período restaram as sugestões de pequenos quadrados que, em outras épocas, já estiveram sob a camisa-de-força das retículas gráficas. Na realidade, trata-se de um desdo-

bramento de uma série que ele desenvolve desde 1978, e que agora coloca as pinceladas mais próximas do impressionismo. A modulação de luz das telas atuais se afina com a vibração das cores, exageradamente coloridas e cujo resultado esbarra no cinetismo. Fiaminghi já viveu a euforia do concretismo, movimento ao qual se engajou depois de ser descoberto pelo crítico José

Geraldo Vieira, durante a 3ª Bienal de São Paulo, em 1957. Depois dessa experiência passou a freqüentar o grupo concreto paulista e chegou a ser convidado, em 1960, pelo suíço Max Bill para participar da Exposição Internacional de Concretismo, em Zurique. Fiaminghi só conheceu Bill anos depois dele ter ganhado o grande prêmio na 1ª Bienal de São Paulo de 1951. "Nessa época não sabia da existência do movimento concreto e muito menos de Max Bill. Aliás não fui nem mesmo ao Trianon para saber as novidades que trazia a 1ª Bienal."

Depois dessa aparente apatia ele passou a circular e na sua experiência como artista gráfico utilizou a retícula trabalhada em *off-set*. Essa fase, que durou do final da década de 50 até 74, deixou marcas profundas em seu trabalho.

Apesar de Volpi não gostar de trabalhar com ninguém e muito menos receber alunos, Fiaminghi e o poeta Décio Pignatari, por alguns anos, foram assíduos freqüentadores do acanhado ateliê do Cambuci. Nesses encontros Fiaminghi acabou aprendendo a técnica da têmpera, da qual Volpi era mestre. A fusão e difusão da cor por incidência da luz passam a preocupar o artista e a ser também seu objeto de estudo.

A obra concreta, na concepção de Fiaminghi, considerada por muitos apenas geométrica, não representa a pura geometria, mas sim uma geometria recriada, como um meio não apenas formal, mas de expressão. Sua linguagem contribui para que a pintura seja vista primeiro, e depois pensada para ser vista, conferindo à obra conteúdos apriorísticos, e por vezes inexistentes.

1955
"Corluz 9001",
1990, têmpera s/
tela, 140 x 150 cm

LEONOR AMARANTE